



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

LOURENÇO MARQUES

A habitação é um direito inerente à dignidade da pessoa humana, não apenas no sentido do simples abrigo ou casa onde uma família se aloje, mas também em condições que satisfaçam «a necessidade da vida social que não se confina ao espaço, mas sim a um conjunto de equipamentos e serviços colectivos que possibilitem a vida em comunidade».

Aqui em Lourenço Marques está em ordem do dia o problema do Caniço. Para ele se estruturou adequadamente um Organismo que busque no complexo de causas e efeitos a solução mais racional e profundamente humana. Não sei ainda porquê, mas segundo o que veio a público, os caminhos escolhidos não foram aceites por a quem compete a decisão final. Creio não vamos demorar no impasse, até porque os dinheiros investidos no estudo são de tal montante que comprometem toda a estrutura do Organismo oficial.

Os jornais que tantos inquéritos lançaram à opinião pú-

blica, têm silenciado, neste caso certamente confiantes na competência indiscutível dos técnicos. Mas não podem de modo algum ficar indiferentes em assuntos de tanto interesse, quer no aspecto social e cristão restrito a Lourenço Marques, quer nas repercussões a nível extra-territorial da nossa tão apregoada integração social.

Frequentemente pedem passagem pela nossa quinta famílias que transportam em camionetas os seus haveres e as suas barracas desmontadas, à procura de locais mais seguros, longe da cidade. E estamos a mais de quinze quilómetros! O que isto implica na vida dos economicamente débeis, não é certamente um dado a menosprezar. «O preço do transporte e o tempo perdido nele e

Continua na TERCEIRA página

Visado pela

Comissão de Censura



Tribuna de Coimbra

Natal! Sentimos ainda o doce da festa. Cansa-nos o corpo e fortalece-nos o espírito. Dá-nos mais alento para a caminhada. Sentimo-nos mais irmãos e mais família.

Vi tanta alegria nos vendedores de «O Gaiato» — na boa venda, na gorjeta, nos presentes, nos carinhos — que lhes disse para pedirem ao Menino Jesus que todas as vendas fos-

Uma rua da nossa Aldeia de Miranda do Corvo, com a Capela ao fundo.
Tocou para o almoço. Fecham as oficinas e escola.
E ei-los a caminho.

sem em tempo de Natal. Vieram também muitas pessoas com presentes, embora as prendas que pedi não tenham ainda chegado.

Mas a nota sempre mais viva e mais cheia é a presença dos rossos que já não vivem conosco. Muito antes começa o correio a trazer recados e o telefone torna-se mais rápido. Os que ainda não têm família não trocam a noite de Natal de nossa Casa por nada.

Uns dias antes veio um com a esposa no seu carro e trouxe um saco com grandes bacalhaus — chega para a consoada? Outro mandou bolos-rei e vinho fino pela mulher e os filhos, pois ele não pôde abandonar o café. Outros vieram com dinheiro ou diferentes mi-mos.

Veio o Augusto (Pião). Recordou a sua primeira chegada há trinta anos. Chamava mãe à Senhora. Andava de bibe e de colo em colo. Contou coisas lindas e também coisas amargas da sua vida, por causa da doença. Cantou fados de Lisboa.

Veio o Victor (Tótó). Há vinte anos era ele dos mais pequeninos. Só conheceu a Mãe depois de regressar do Ultramar, do cumprimento de serviço militar. Deliciou-nos com

Continua na TERCEIRA página

Aqui Lisboa

Diz o livro de efemérides desta Casa do Gaiato que «no dia 26 de Dezembro de 1947 chegaram os fundadores, cinco gaiatos de Miranda e cinco de Paço de Sousa», cujos nomes lá se indicam a seguir, e «feitas as limpezas e devidos arrumos era a Casa inaugurada a 4 de Janeiro de 1948, dia do Santíssimo Nome de Jesus». Quer dizer, esta Casa do Gaiato celebra as suas «Bodas de Prata» no princípio do próximo ano.

Providencialmente, pelo menos assim o pensamos, após várias vicissitudes e escolhos

de monta, estamos vivendo o ano decisivo da vida desta Casa do Gaiato com a próxima entrada ao serviço de novas instalações oficiais, amplas e saudáveis, cujo apetrechamento esperamos esteja em correspondência com a sua condição de oficinas-escolas. Só o facto de todas as dependências ficarem dentro da mesma cerca seria motivo de satisfação. Acresce, por outro lado, que esperamos inaugurar também, durante o período festivo dos nossos 25 anos, a primeira casa de família para 50 Rapazes, com dois pisos independentes, en-

quanto se processa já a edificação da casa de lavoura e temos entre mãos outros projectos, entre os quais se destacam o da lavandaria e o do parque infantil. Entretanto, vamos sonhando já com a segunda casa para os Rapazes e as instalações desportivas da Aldeia, aliás indispensáveis para uma conveniente formação e educação dos jovens vindos até nós.

Continua na TERCEIRA página

FESTAS

Carta à Família dispersa

Conforme o prometido no derradeiro número do nosso Jornal, aí vai o cartaz das nossas Festas na zona norte. E voltamos a pedir: Cuidem os interessados de guardar esta notícia, pois não poderemos abundar na repetição dela «sem prejuízo do normal recheio do Famoso».

Os ensaios continuam. Muito discretos. Eu ainda mal dei fé...! Dizem-me que vão mais adiantados que os outros anos... Ainda bem para evitar precipitações e sustos à última hora.

Também me disse maestro Miguel de Oliveira — que há tantos anos faz o favor de adaptar aos músicos que nos acompanham, os números escolhidos pelo Responsável da Festa — também ele me disse que Bernardino fôra muito feliz na escolha e que o Público havia de gostar. Assim seja...!

E mais não digo, porque mais nada sei.

Fevereiro

BRAGA Dia 25

PENAFIEL
Cine-Teatro S. Martinho

AMARANTE Dia 29

Amarante Cine-Teatro

Março

PORTO Dia 2

Coliseu do Porto
Bilhetes à venda: no Espelho da Moda à rua dos Clérigos 54 e nas bilheteiras do Coliseu.

V. N. FAMALICÃO Dia 7

Cine-Teatro Augusto Correia

ESPINHO Dia 8

Teatro S. Pedro

BRAGA
Teatro Circo

MONÇÃO Dia 11
Cine-Teatro João Verde

OLIVEIRA DE AZEMEIS Dia 14
Cine-Teatro Caracas

LAMEGO Dia 15
Teatro Ribeiro Conceição

AVEIRO Dia 17
Teatro Aveirense

N. B. — Oportunamente, os bilhetes estarão ao dispor dos nossos Amigos, em cada uma das bilheteiras das referidas Salas.

Dia 9

Dia 11

Dia 14

Dia 15

Dia 17

Agu Lisboa

Cont. da PRIMEIRA página

perseverante e de luta sem tréguas em ordem à conquista de condições dignas para os Rapazes. Suores, fraquezas, incom-

Lourenço Marques

Cont. da PRIMEIRA página

todos os reflexos dessa perda de tempo nomeadamente a impossibilidade de ir almoçar ou almoçar mal; a impossibilidade da vida familiar em casa, onde se chega e donde se sai com os filhos a dormir — são factores que encarecem o problema. Por outro lado para aqueles que ficam na cidade os direitos que venham a ganhar à habitação não podem acarretar encargo da renda que cerceiem os meios da subsistência, nem a melhoria do nível da vida a que todos devem tender.

Neste momento há clareiras grandes abertas no meio do Caniço. Que as medidas adoptadas definam normas sociais de progresso e bem estar e não desloquem os problemas simplesmente para uns quilómetros mais além.

Padre José Maria

preensões e até a ingratidão não deixarão de surgir. Mas que importa, se nos batemos por um Ideal de fraternidade que tem a sua autêntica raiz no próprio Deus Humanado?

Vamos tentar aparecer pelos púlpitos das Igrejas de Lisboa e dos arredores, contando com a colaboração dos respectivos Párocos e dos nossos ouvintes. Esperamos que a Câmara de Loures se disponha a colaborar connosco na instalação da cabine eléctrica e no abastecimento da água, absolutamente basilares. Será, quanto a nós, o reconhecimento do que tem sido feito na área do Município pela Obra do Padre Américo ao longo destes anos e que, uma ajuda anual da ordem dos 3 contos ou menos, parece minimizar, tratando-se como se trata da mais importante Instituição do género existente no Concelho. Contamos finalmente com o próprio trabalho e com a presença de sempre dos nossos Amigos, crentes ou não crentes, sem acepção de cores ou partidos, na convicção de que, mãos dadas e sem preconceitos, todos juntos, estaremos a construir um Mundo melhor.

Finalmente, no dealbar de 1972, renovamos apelo aqui feito no ano transacto em ordem à campanha dos X 20, que prome-

teu mas depressa caiu no esquecimento da maior parte. Será uma maneira prática dos nossos leitores e Amigos se associarem à jornada das «Bodas de Prata», que apontam já no horizonte. Aos que vivem perto de nós juntemos o convite duma visita na primeira oportunidade. Quanto melhor nos conhecermos mais possibilidade temos de nos amarmos e vendo com os próprios olhos facilmente enxergaremos a verdade do que aqui se escreve: palavras traduzidas em actos.

Padre Luís

Sempre as voltas por esse mundo, onde se acha dispersa a nossa grande Família, têm sabor a faina de colheita, tão mais exultante quão maior foram os trabalhos da sementeira. Foi assim uma vez mais esta passagem de cinco meses por terras africanas, terminada em vésperas de Natal. Este, outra ocasião de encontros felizes, ditados menos pelo hábito dos cumprimentos da época, do que pela amizade, por um sentido vivo de laços familiares que perdura, justamente, no coração de tantos, desde a África do Sul à França e Inglaterra, desde a Austrália ao Brasil... e por cá.

É uma compensação grande, que alimenta a nossa fragilidade, esta recolha de certezas, enquanto dura permanentemente a inquietação e a luta por uma geração a formar-se que, muito naturalmente, não está em idade de compreender nem de corresponder com justiça à dedicação de que é objecto.

Dizia-me um, que «deu muita água pela barba» e hoje se regala no seu filhinho: — Agora é que eu compreendo... E não compreendo como V. têm paciência para tanto!

Este pôs o dedo na ferida! Nós também não compreendemos e não encontramos outra explicação que não seja a graça de estado devida por Aquele que nos chamou a esta vida. E como Ele não é mau pagador..., não se engana, nem nos engana... — cumpre, assistenos, faz-nos poder o que a nossa dimensão não suportaria. Eis!

Ora aí está o que vos queria dizer: Nos meus ouvidos soa e ressoa aquela palavra de Pai Américo no Coliseu do Porto em 1954, de que o público se

fez eco em seu aplauso:

«É preciso pôr Deus no Seu lugar...! É preciso pôr Deus no Seu lugar...!»

Tantas razões nos conduzirão a tal caminho! É a Sua presença à nossa vida, que só por cegueira não lograremos ver.

É a experiência da superação de horas difíceis, desproporcionadas à nossa capacidade e no entanto vencidas — o que gera a pergunta: — Como?, por que força venci?

É a sorte que, através de tantas contingências e a partir de tantos pontos díspares mas comumente tristes, nos sorriu e nos levou a uma harmonia, a uma suficiência, a uma fecundidade que são alicerces objectivos de felicidade, quanto se pode tê-la na Terra!

E no entanto, para aqueles que se estabeleceram longe da sua terra natal, que foram para legítimo arranjo de vida, sempre permanecerá séria tentativa um tal cuidado desse arranjo, que bem pode atrofiar outras preocupações de ordem superior.

Não sei como será nas terras estranhas, senão pelo que em geral se ouve dizer dos emigrantes. Mas no nosso Ultramar ainda se não diluiu definitivamente a ideia da «árvore das patacas», posto há muito ela tenha secado, sem qualquer hipótese de reviver. É denso o ar materialista que se respira. Val-se, geralmente, menos por vocação do que para ganhar melhor a vida! E não será de que tão bem querer ganhá-la, se ponha em risco a Vida?!

Aí — como afinal em qualquer terra onde existe o homem, sempre atraído pelos bens deste mundo — é, de verdade, bem preciso pôr Deus no Seu lugar: Deus — nossa Origem; Deus — nosso fim; Deus — nosso Companheiro na caminhada da vida, na pessoa do Seu Cristo, no sopro do Seu Espírito. Sem Ele, até pode prosperar a vida. Mas depois?... E a Vida?...

Que o Deus da nossa paciência, da força transfigurante da nossa pequenez, seja a Bênção de toda a nossa Família.

E que, não menos do que naquela hora o Povo que enchia o Coliseu, os filhos de Pai Américo jamais deixem de sublinhar, não com suas palmas, mas em sua vida, a urgência que então ele proclamou:

«É preciso pôr Deus no Seu lugar...! É preciso pôr Deus no Seu lugar...!»

TRIBUNA de Coimbra

Cont. da PRIMEIRA página

peripécias da sua vida. A vida e a idade tornaram-no muito homem.

Veio o Fernando Pedro. Veio de Rio Tinto na sua moto e a moto foi um centro de atracções. Traz sempre alegria para nos dar.

Veio o António (Castelinho). Nunca teve família. Nem na cédula... Só António... Fez as boroiñhas e cozeu o pão e amassou as filhós e tocou flauta. Uma delícia de manjar! Todos os anos aparece a dar-nos esta consoladela.

Veio o Tónio. Tem cá os dois

irmãos mais novos e por uns minutos não se encontrou com o irmão mais velho, o nosso Zeca. Veio combinar e convidar-nos para o seu casamento.

Vieram outros casados e solteiros. Chegaram-nos dezenas e dezenas de cartas e cartões daqueles que não puderam vir. O Natal deixa-nos sempre este doce. Doce que é fruto de sermos uma família. Família que marca profundamente pais e filhos. Família constituída pelo Pai e três filhos há trinta e dois anos e que tem crescido e dado tantos e tão bons frutos.

Padre Horácio



Setúbal

Sem esquecer a sábia perspectiva de Pai Américo «Nós somos a seara imensa onde cresce o trigo e o joio», o nosso Natal foi feliz. Se não fosse o peso da minha miséria, atrever-me-ia mesmo a dizer que não houve Natal mais feliz do que o meu, em todo o mundo.

Vieram notícias de todos os cantos. Desde há muitos anos que fazemos um esforço crescente por tornar nova, sensacional e atractiva a festa do Natal.

É a récita para o povo simples e amigo que rodeia a nossa Casa. É a Missa da meia-noite!... É a consoada!... São os cantares dos mais velhos até alta madrugada... São as prendas postas no sapatinho de cada um, aos pés da cama, quando o pesado sono toma conta dos sentidos... É a sensação do acordar e ver o que lhes trouxe o «Menino Jesus». É o amor e carinho que procuramos significar sem excepção para ninguém. As prendas do Natal não são prémio. São incentivo!...

De várias partes de Moçambique, tropas e civis nossos, mostraram saudade do Natal da Casa do Gaiato. De Angola, do Norte, do Sul e do Leste eles estiveram presentes com cartas e cartões de Boas Festas. Da Guiné, da terrível guerra da Guiné, recebemos amorosos abraços repassados de ternura e de votos de Bom Ano Novo! Do Porto, de Coimbra, de Lisboa, do Alentejo, de Setúbal, eles marcaram presença, com dádivas, com cartões e com visitas!

Os amigos vieram!

Eu esperava-os. Precisava deles e da sua ajuda!...

A Quinta do Anjo veio em grupo, por várias vezes preparar a roupa. Trouxe carinho e mimos de todas as qualidades. Palmela também. De Azeitão vieram três contos e colchas para as camas. A Junta de Freguesia de S. Sebastião, a que pertencemos, sempre nos tem lembrado de forma especial, por esta quadra. Este ano marcou. Eu tinha-me queixado ao Senhor Presidente: — Devo muito! Ele é velho amigo. Compreende-nos. Ama-nos. A Junta deu vinte contos. Que os seus sucessores aprendam a lição e não nos esqueçam. A Junta de Freguesia de Sta. Maria soube também das nossas aflições e mandou três mil escudos. Da de S. Julião, mil; e da Junta da Anunciada, quinhentos. Sempre as Juntas de Freguesia nos puseram no rol dos seus Pobres. E somos. E também agradecemos. A Escola Industrial organizou campanha

e veio viver connosco um dia, com professores e alunos. Deixou-nos muitas coisas boas e 2.040\$00.

As Funcionárias da Caixa de Previdência carregaram-me com mimos de toda a ordem e entregaram 610\$50. Queremos pedir-lhes que continuem a ajudar-nos e não entendam mal quem não sabe exprimir-se bem.

Para meias solas, cem. Da Rua das Amoreiras, de Lisboa, 300\$00 para os Pobres. Do Porto, um casal amigo que manda todos os meses, 200\$00. Um médico com a assinatura, quinhentos. Uma Senhora amiga trouxe ao Lar dois mil. «Para uma gotinha de água no seu oceano», 500\$00. Quinta do Anjo mais: vinho, azeitonas e 200\$00.

Um grupo de jovens de Azeitão veio fazer festa aos mais pequenos e trouxe brinquedos e 4.362\$90. Dum Amigo, mais cem na mão e mais quinhentos de outro e mais mil de outro por um empregado. Os empregados da S. A. P. E. C.

mandaram um vale de 3.375\$00.

Um amigo de há muitos Natais veio desobrigar-se com dez mil. Os «Manos da Casa Branca» mandaram mil pelo «Char-rua». O «Setubalense» entregou-nos 2.500\$00 de dádivas recolhidas durante o ano. Por uma promessa 250\$00 e bombons. Com B. F. mais quinhentos de outro Amigo. Da Herdade do Perú, 3.970\$00. Dum arquitecto, boroas e mil. Mais outra desobriga muito costumada nesta quadra, mil. Uma ourivesaria, cem. O Rotary Clube de Setúbal trouxe pelo seu Presidente, mil. Um amigo muito velho e fiel, mil. Os primeiros abonos do Zé, cem. Da Maria do Carmo cem e da Guida, cem. Visitante de Palmela, cem. Por alma do marido e a pedir oração, 3.000\$00. De outra esposa pelo mesmo motivo, quinhentos. Um vale do correio com 600\$00 e outro com cinquenta. Outro com quinhentos. Mais bolos e mais boroas e mais bolos reis.

A catequese de S. Julião trouxe brinquedos. O Externato Diocesano fez a sua campanha já costumada e elegu-nos para seus Pobres. A Academia Luisa Todi, do mesmo modo.

Que o Senhor a todos encha de graças e alegria, são os votos dos Gaiatos mais do

Padre Acílio

Doutrina

Eu era neutro. Mas há vinte e poucos anos, quando me iniciei nesta vida, ainda seminarista, tive de abandonar minha posição de indiferença e de escolher clube. Poderia hoje justificar melhor a eleição, mas a verdade é que preferi o Benfica e benfiquista sou. Sucede, pois, que após cada jornada importante em que o Benfica intervém, de um de dois cercos me não livro: Ou são os «adversários» **aferroando-me**, se a sorte não sorri às minhas cores; ou são os con-adeptos congratulando-se, quando a vitória nos bafeja.

Domingo foi dia carregado de emoção: Sporting-Benfica, nada menos! Estava eu no alpendre da nossa Capelinha, tomando o sol com um dos nossos casados e o seu ranchinho, quando das Escolas surge um pequenito, eufórico, que me vem comunicar o resultado: «3.º golo de Benfica! 11 contos para cada jogador!»

Chocou-me o grito, como um súbito mergulhar em neve naquele momento de delicioso sol. Pois o 3.º golo sem resposta era de pôr em vibração o pequenito benfiquista! Mas os 11 contos — o que têm a ver com aquela exultação?! Porque se compram golos a quem já é pago para os fazer?! A quem, sem qualquer outro título senão o do puro desportivismo, deveria empenhar-se em fazê-

-los, pelo brio da camisola que enverga, pela correspondência devida ao numeroso público que pagou seu bilhete para assistir a um espectáculo de competição!

E porque anunciou aquele pequenito, em clamor de vitória, os 11 contos prometidos a cada jogador, — ele que ainda nem terá ideia exacta do que são 11 contos, nem qualquer vantagem deles colherá?!

É um ar viciado que se respira! Que contagia, sem qualquer cumplicidade, até os inocentes! É um assunto que enche as conversas ao longo da semana. E a feira das trocas de jogadores?... E as «luvas» que nela se praticam?... E os ordenados escandalosamente desproporcionados à nobreza intrínseca do officio?... E ainda por cima esta gorgeta inferior, sinal de que a confiança nos homens é valor cada vez mais deteriorado na grande Bolsa da vida, de tal modo que há que provocar «dopping» em cada caso com um suplemento de estímulo — que o sentido do dever e a coerência na acção, já não bastam!

Denuncia-se a droga, as perversões... Mas não é o dinheiro **endeusado**, a primeira das drogas, a razão final de tão retumbantes traficâncias, que atingem já os mais altos níveis à escala internacional?! Criatura dos homens, o di-

CAMPANHA DE ASSINATURAS

Novos leitores

Dia a dia, é verdadeiramente apaixonante o extraordinário interesse — e doação — dos nossos leitores pelo rejuvenescimento de fileiras do nosso Jornal!

Mais apaixonante ainda, quantos vêm pelo seu pé, melhor, pelo seu punho, oferecer-se — pessoalmente — como assinantes do «Famoso»! E são cada vez mais!!

● A METRÓPOLE DE LÉS A LÉS

Como a palavra é dos leitores — obreiros da cruzada — paremos em Coimbra, que serviu de tarimba a Pai Américo:

«...aqui vai mais um nome, que aguarda ansiosamente o vosso jornal, desde que lhe falei que a ia propor para assinante. É das fixas; portanto, é começar já a enviá-lo, até mesmo o que saiu na última tiragem...»

Como «grão a grão enche a galinha o papo», eu vou continuando a enviar um grão de cada vez, pois o Senhor dá sempre uma oportunidade quando nós queremos trabalhar...»

Mas que trabalho perfeito, em todas as perspectivas! Hão-de vir mais leitores de Coimbra, sim senhor... Bem dito, bem feito! Apareceu logo uma lista rascunhada pelo nosso Padre Horácio!

E que dizer, também, daquela leitora de Porto Salvo? Ai está com mais dois novos leitores de Lisboa! A capital vai engalanada com um bom grupo. E, ao lado outro do Porto — com o mesmo entusiasmo. Em ambas as colunas vão alguns propondo-se directamente: **Eu quero ser assinante...** Gosto tanto, tanto deste verbo! É a melhor expressão dum sim.

nheiro alcançou-se ao altar de Mamona, deus cruel e tirano que escraviza, que desumaniza os seus criadores.

Sempre o dinheiro estará nos bastidores de todas as tragédias. Toda a fogueira dos vícios é soprada pelo interesse, patente ou escondido, do dinheiro. Jogo, prostituição, espectáculos brutalizantes, toda a sorte de escravaturas que se mantém neste século de ciência e auto-suficiência, guerras... — tudo tem por móbil o dinheiro.

Bem disse o Senhor Jesus Cristo que se não pode servir a Deus e a Mamona. Oportunamente declarou que mais difícil do que passar um camelo pelo fundo de uma agulha, é um rico (homem que deixou aprisionar a sua alma por Mamona) entrar no Reino do Céu. Cristo disse. A História demonstra. A experiência de todos os tempos confirma.

Que temem os Responsáveis para sair da sua morneza e tomar decisões drásticas de profilaxia social?

E lancemos os olhos de norte a sul:

Temos Figueira da Foz, Castanheira de Pera, Tomar, Minde, Bragança, Mangualde e Caldas da Rainha. Mais Elvas, Guilhufe (Penafiel), Laborim de Cima (Gaia), Fermentões (Guimarães), Amadora, S. Pedro do Estoril, Parede, Santo Adrião (V. N. Famalicão), Venda Nova (Amadora), Pedrouços (Areosa), Rio Tinto, Vila Viçosa, e Trofa. Um mundo de gente!

● ESTRANGEIRO E ULTRAMAR

Presenças de Valência (Espanha), Daubury Conn (U. S. A.), e mais N. Smithfield e Woonsocket, também da América do Norte.

Do Ultramar português, registámos novos leitores de Timor, Caála (Angola) e vários S. P. M.

Para todos, votos de Santo Ano Novo.

Júlio Mendes

Cantinho de Poesia

Reflexão!

*Gosto das flores,
Das vozes profundas
E do meu professor de inglês!...*

*Gosto de florestas,
Do pôr do sol,
(De cavalos também!)
E das mãozinhas de bebé!...*

*Gosto de rendas,
De cabelos longos,
De olhares expressivos...
E do meu professor de inglês!...*

*Gosto de pensar
Nas coisas de que gosto:
Nas cores dos passarinhos,
Nos sons do violino,
Nas águas das cascatas corren-
[do!...*

*Gosto de pensar
Nas coisas que me intrigam:
Viagens à lua,
Se o universo é finito,
E o que será o dia de ama-
[nhã?!]*

*Gosto também desta saudade
Que me impele:
Do convívio com os amigos,
Das histórias do meu avô,
E das recordações da meninice!...*

*— De que gosto mais?
— Gosto de pensar
Em noites frias
À lareira sentado:
Nesta sede imensa de realização.
Neste desejo intenso de ser dife-
[rente.]*

Bissau, 1 de Dezembro de 1971

Rogério



TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P. PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE